

DIGO TUDO NO MEU SILÊNCIO

Caio Porfírio Carneiro

Na Arte Escrita o poder da palavra oscila do aterrador ao sublime ou se tranca em si mesmo, espelhando apenas, palidamente, o seu significado imediato. Bem como diz a poetisa Lenilde Freitas: “*Palavra, que és e não és*”. É conhecido o truísmo de Lucaks: o difícil não é *dizer*, o difícil é *como dizer*. A *palavra* é o caminho, silencioso e escorregadio, particularmente para os que lidam com a arte dos deuses: a Poesia. Se é sabido que se perde um conto com uma frase, perde-se uma poesia com uma palavra. Assim também para os sons e o pictórico. Picasso, valendo-se de pincéis, tintas e creions, já dizia: se eu soubesse o que é Arte eu não contaria para ninguém. Como então chegar à Arte, a essa emoção cósmica, valendo-se de palavras? O professor Ataliba Nogueira costumava repetir que toda a cultura ocidental, em todos os campos do conhecimento, do fundo dos tempos aos nossos dias, está guardada em trinta e poucas letras e dez algarismos. E como as letras formam palavras, a tortura dos escritores, dos poetas em particular, acompanha essa caminhada. Mais um lembrete, pinçado da memória ao acaso: Castro Alves, da terceira fase do romantismo, mereceu do crítico Agripino Grieco, um demolidor irônico, mordaz e irreverente, de tantos valores das letras, uma frase apenas: “Castro Alves não foi um gênio; foi uma convulsão da natureza.”

Pois essas convulsões criadoras explodem hoje em manifestações multifacetadas, que a Arte Escrita libertou-se dos formalismos das Escolas. O pintor, o músico, o escultor etc. vol-

tam-se aos seus pendores artísticos libertos de normas criadas e estabelecidas. O mesmo fazem o escritor e o poeta. E quantas vezes eles se entrelaçam. Mas se ao esforço do artista não se somar a sombra oculta, benfazeja e essencial do talento é, em definição clara, tirar o cavalo da chuva.

Quanto palavreado para – desculpem, palavras – falar de *Ave, Palavra*, antologia poética coordenada por Ely Vieitez Lisboa (Funpec-Editora, 2009), onde reúne textos poéticos de vários autores, com resumo biográfico e expressivas ilustrações. Uma beleza gráfica de livro. E – sem favor – cada criação uma surpresa de arte poética.

A antologia mostra bem a florescência e reflorescência da poesia moderna. Algumas criações aproximam-se da escola romântica, sem cair nela; aproximam-se do Parnaso, sem cair nele; do concretismo; do emblemático pictórico, casando-se bem com as artes plásticas; das quantas escolas e tendências, do passado ao presente, porque toda Arte, dos distantes tem-

pos aos nossos dias, é um somatório de experiências e valores acumulados, suportes para espiralações novas. E todas estas expressões poéticas, aqui reunidas, trazem o carma e a pulsação vívida de cada autor. Então como citá-los? Pula-se de um texto visual e graficamente elíptico para outro onde as estrofes fluem e se encadeiam em versos surpreendentes. Quais os melhores? Fica-se na eleição pessoal de cada leitor, porque a Poesia, como aqui e como sempre, é para ser *sentida* na beleza da sua transfiguração criadora.

O que surpreende a mim é este somatório de valores reunidos por Ely Vieitez Lisboa, que me leva a esta complexidade: como há gente talentosa, que eu pouco ou mal conhecia, que valoriza e te respeita tanto, *palavra*.

Obra para ser lida, relida, trelida, por a mão na consciência e exclamar para si mesmo: do que és capaz, *palavra*, a partir do teu silêncio e tempo de espera...

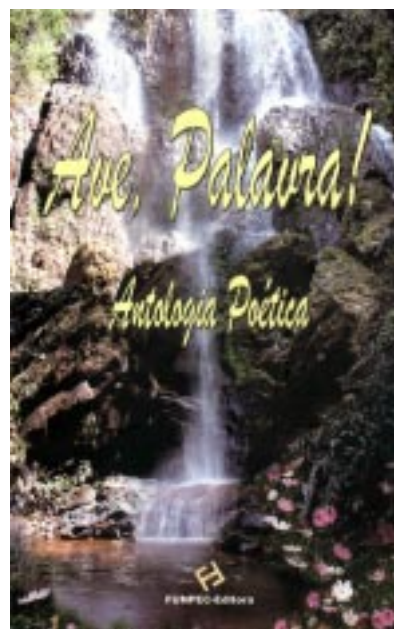


Ely Vieitez Lisboa

Divulgação

Afirma Ely Vieitez Lisboa, na curta e excelente apresentação: “A palavra é o alicerce, a essência do gênero poético”. *Ave, Ely!* Nem vou te dar os parabéns por esta antologia. Não encontro *palavras*. Deixo que os poetas, aqui reunidos, falem por mim, porque no meu silêncio digo tudo.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.



Ave, Palavra!, antologia poética organizada por Ely Vieitez Lisboa, Funpec-Editora, Ribeirão Preto, SP. A capa é de Guilherme Piga e as ilustrações são de artistas da cidade de Ribeirão Preto. Participam da antologia os poetas Adrian Steinway Chan, Aider Cruz de Oliveira, Alfredo Rossetti, Antônio Carlos Tórtoro, Antônio Lisboa, Aparecida Ithayer Hurtado Biachi, Aparecida Malachias Gasparini, Belmira L. M. Cláudio, Caio Aguilar Fernandes, Carmen Lúcia Zacarelli Soares, Célia Silli, Cléo Reis, Eliane Ratier, Elisa Alderani, Ely Vieitez Lisboa, Jair Yanni de Paula Eduardo, Jugurta de Carvalho Lisboa, Leda Pereira, Lima Prado, Luiz Fernando Valladares, Mara Senna, Maria Aparecida Pimenta de Carvalho, Maria da Graça Ap. Ferriolli de Abreu, Mariza Helena Ribeiro Facci Ruiz, Marlene B. Cerviglieri, Nilton Manoel Teixeira, Nilva Mariani, Nívea Braga, Perce Polegatto, Rita Mourão, Rosani Abou Adal, Ruth Maria Sampaio de Freitas, Tatiana Cotta, Vasco Pereira de Oliveira, Vera Regina Marçallo Gaetani, Waldomiro W. Peixoto, Wellington Paterlini e Wilson Salgado. A obra foi editada com apoio da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, Secretaria Municipal de Cultura de Ribeirão Preto, Pro Ler, Theatro Pedro II, Amigos da Fotografia e Instituição Moura Lacerda - Ribeirão Preto/Jabotical. www.funpecrp.com.br

O Bicho da Indústria Cultural

A nossa luta é em prol da democratização da Cultura e da Leitura. Nossos editoriais sempre deram destaque ao assunto. Estamos cumprindo nosso objetivo através de uma política cultural fora dos padrões impostos pela indústria cultural, que visa apenas o lucro excessivo.

Não é só a Cultura que é mascarada através desses padrões, a Educação também é, porque seus patamares são baseados na formal.

O Brasil necessita de uma política cultural mais democrática e de uma educação não formal para que nossos jovens possam ter bases mais sólidas. Só assim poderemos construir uma sociedade mais digna e justa.

A Cultura está sufocada por todos os lados, quer seja pela parte de nossos governantes que se espelham na indústria cultural, que dita regras e impõe o que é fabricado, visando apenas lucros excessivos. É mais sufocada ainda pela mídia, que somente divulga o que está dentro dos padrões impostos ou, então, simplesmente ignora a Cultura em seus noticiários.

O discurso de uma política cultural democrática é meramente figurativo, porque talentos da nossa música, teatro, artes plásticas, dança e da Literatura ficam sempre à sombra dos nomes pré-moldados e pré-fabricados pela indústria cultural que manipula o País.

Quando será realmente que teremos uma política cultural mais democrática?

Quando a mídia, que pré-fabrica notícias voltadas exclusivamente para a violência, abrirá espaço para a Cultura? Um espaço pequeno, apenas, para a divulgação dos nomes e dos produtos culturais do nosso País que estão fora dos padrões impostos.

Se ficarmos parados o bicho pega e se corrermos o bicho come. Vamos deixar esse ditado de lado e enfrentar o bicho.

OS DEMÔNIOS ESTÃO DE VOLTA

Rodolfo Konder

De alguma imprevisível esquina do tempo, surgem personagens e exércitos trazidos das sombras para nos aterrorizar. Sua ferocidade vem de longe, das planícies africanas, dos planaltos e das cavernas. Envolve tribos antigas e impérios atuais. Reúne o general Custer e o presidente Bush, Médici e Stroessner, Papa Doc e Leonid Brejnev, Bin Laden e Nabucodonosor, ditadores e fariseus.

Os inimigos da inteligência têm hoje garras de tungstênio, olhos que enxergam na escuridão e se estendem além do horizonte, um faro capaz de localizar os esconderijos mais recônditos, e ouvidos que podem distinguir as árvores pelo farfalhar de suas folhas. Eles avançam e destroem. **They search and destroy.** É a guerra.

Pelas frestas dos confrontos, ressurgem Nabucodonosor, tirano implacável que invadiu Jerusalém, deportou multidões, sitiou a cidade de Tiro durante treze anos e ergueu muralhas quase intransponíveis entre os rios Tigre e Eufrates, numa região conhecida como Mesopotâmia, alguns séculos antes de Cristo.

Embora os exércitos, os impérios, e os ditadores também se desmanchem no ar, como tudo que é sólido, ficaram os prejuízos, as perdas, as ausências. As pessoas já não são nem serão as mesmas, porque as guerras e as ditaduras nos recolocam diante do espelho da História, em que redescobrimos sempre a fera à espreita ou o lagarto esfomeado.

As mesmas explosões que rasgam o silêncio, a carne e a cronologia, junto aos barrentos e poluídos rios da Mesopotâmia, no Sudão ou na Etiópia, trazem da Itália dos anos 40 um enfurecido "Duce". O fascismo chega às paisagens desoladas, e das colunas de fumaça emergem outros ditadores – Pinochet, Gomulka, Ceausesco. Vemos exércitos que já foram disciplinados e assustadores, mas, na pós-modernidade, lavam suas fardas puídas e descascam batatas nos fundos de quartéis decadentes.

Os espanhóis da Falange, discípulos de Francisco Franco – que comandou um golpe contra o governo constitucional, a partir de 1936, até a tomada do poder, em 1939 – continuam vivos e ativos. Sonham com a volta da repressão franquista, com a selvageria da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945. Então, ainda estarecidos diante dos massacres ocorridos durante o conflito, diante da bestialidade revelada nos campos de extermínio – Dachau, Treblinka, Birkenau, Auschwitz, Sobibor e tantos outros – descobrimos que os homens precisavam se proteger dos próprios homens. Em 1948, redigimos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada na ONU. Qual foi o resultado? Tivemos a Guerra Fria e incontáveis conflitos localizados. Ao longo do século 20, o período mais sangrento da história, as guerras mataram 191 milhões de seres humanos. "Sabemos agora do que o homem é capaz", concluiu o pensador franco-suíço George Steiner, debruçado sobre os registros daqueles tempos atormentados.

Entramos no século 21, mas o quadro permanece inalterado. Não houve avanços. Ao contrário, a situação parece cada dia mais ameaçadora. Às ditaduras e às guerras, somamos agora o terrorismo, a droga, a criminalidade crescente. O que fazer?

Nas tempestades de areia do nosso destino, nas cavernas mais profundas da nossa aventura, escondem-se terroristas e delatores, torturadores e carcereiros, cassandras e fanáticos, patriotas e usurpadores, predadores e corruptos, seqüestradores e sociopatas. As ditaduras e as guerras são o seu espaço vital, os momentos da sua plena realização. Mas os principais inimigos – cabe lembrar – ainda são a intolerância, o preconceito, o ódio, a ignorância. Estão em toda parte, inclusive dentro de nós. Os principais inimigos, portanto, somos nós mesmos.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor e representante da ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em São Paulo.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 54,00

Assinatura Semestral: R\$ 27,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

BELLE ÉPOQUE

Paulo Bomfim

Maria Amélia me telefona para falar sobre Elza Vallejo Outon.

– Paulo, é uma senhora uruguaia que foi diva da Belle Époque e hoje está muito doente em sua chácara na Cidade Adhemar. Ela o admira muito, tem tudo a seu respeito recortado e colado num álbum. Brevemente irá para o hospital submeter-se a uma operação delicadíssima. Pede-me para vê-la antes de se internar.

No dia seguinte, Maria Amélia me leva até a casa da amiga.

No caminho ia falando a seu respeito:

“– D. Elza foi a paixão de um de meus tios. Cada encontro que tinham, oferecia a ela um brilhante.

Certa vez ele indaga do destino que havia dado a essas pedras preciosas.

Os brilhantes? ah, sim...

Chama a empregada e pede que traga os sapatos que mandara fazer. Abre a caixa diante do namorado e retira o par de calçados com os saltos cravejados de brilhantes.”

E pela vida afora, muitos barões do café continuaram a colocar a seus pés as fortunas, os braços e as esperanças.

Quando chegamos à Cidade Adhemar, no fundo de um corredor de árvores, tenuemente iluminada pela luz de lâmpões de querosene, à porta da varanda, uma senhora nos esperava.

D. Elza, já bem idosa, guardava ainda a altivez e a graça de um passado intensamente vivido.

Tive a impressão que nosso encontro era um reencontro. Havia algo familiar em sua fisionomia. Falei-lhe de sua beleza e apenas respondeu:

– Bonita era a Bela Otero! Lembro de seu vulto surgindo no tombadilho do navio que nos conduzia à França. Bilac também se encontrava a bordo com um grupo de intelectuais que iam para a Europa.

E repete com suas lembranças: – Bonita era a Bela Otero surgindo no tombadilho naquela noite de luar!

Conversamos muito. Mostrou-me o álbum com os recortes de minha vida literária e me diz numa expressão uruguaia:

– Gosto do senhor porque o senhor não é “meio-pêlo”. Age com raça.

Na saída digo a ela que gostaria de revê-la e me diz:

– Nesta vida este é nosso único encontro. Amanhã irei para o hospital. Não tenho ilusões sobre o meu caso.

Ao nos despedirmos, aquela senhora emoldurada pelo batente da porta, era o quadro de uma época.

Na semana seguinte, Maria Amélia telefona e me diz:

– Paulo, D. Elza acaba de falecer. Quando estava muito mal, o médico aproximou-se dela com uma injeção.

– O que é isso, doutor?

– É para tirar a dor e fazê-la adormecer.

D. Elza senta-se na cama, arranca os tubos de oxigênio e de soro e diz:

– Eu conheci todas as coisas desta vida. O senhor quer me impedir de conhecer a morte?

Pouco depois, partia serenamente no comando de suas emoções.

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

MEMÓRIAS POÉTICAS DE HENRIQUE MARQUES SAMYN

Fábio Lucas

Poemário do desterro (Rio de Janeiro: 2005/2006) trouxe-me um verdadeiro poeta, que desenvolve, nos versos, singular poder narrativo. É que, além da pluralidade de significações contida nos vocábulos, sentenças e estrofes, cada poema encerra sua unidade representativa. O conjunto dos poemas busca nova unidade. Certa atmosfera que aponta para o centro do Rio de Janeiro, algo indefinido que emana tão-somente da expressão literária, mas evoca, no conjunto de símbolos harmonicamente organizados, a atmosfera física e humana, atual e histórica do *corpus* cultural carioca.

O conteúdo “literário” pressupõe o domínio das emoções associadas às imagens, cenas, episódios e conceitos operados no tecido das palavras, com evidente propósito estético. O poema “A pipa” (p. 25) ilustra o “poder narrativo” carregado de senso poético. O mesmo se dirá de “Na final de 50”, episódio desportivo (que vivenciei na minha primeira viagem ao Rio) de reminiscência emocional coletiva. De registro jornalístico se eleva, na voz do poeta, ao patamar acústico da expressão dramática.

No segundo bloco de composições, “Uma história do Carnaval” juntam-se recordações das festividades momescas com a “história” musical transplantada da Europa e adaptada à atmosfera carioca. Destaque para “Ô abre-alas” que ativa a memória de letras e canções. O conjunto se fecha muito bem com o poema “Quarta-feira de cinzas”. Só para lembrar: “A Pierrete” (p. 47) é uma graça.



Divulgação
Henrique Marques Samyn

Nos “Três contos de amor”, o segundo pontua mais alto, a meu ver (p. 64). Já o “Cancioneiro” mereceria tratamento especial, a começar pela “Cantiga de Amigo I” (p. 69). Tudo é grandioso naquela “tradução” do lirismo arcaico para os sentimentos contemporâneos. São notáveis quase todos os poemas. O final, com as “Cantiguinhas da Amiga” (p. 80), constitui espécie de *gran finale*, de fecho de ouro de uma notável realização lírica. Parabéns ao autor. O leitor aparelhado, agraciado pela memória literária e pela vivência brasileira, haverá de sentir-se estimulado a relembrar passados encantamentos do nosso cotidiano.

Frescor de sentimentos calcados nas palavras singelas dos cantos e das marchinhas de carnaval. Celebrações tristes das festas alegres, o próprio Carnaval relembra o mito do eterno retorno e o destino feroz do ser humano. Tudo converge para o “mar de desacertos” (p. 50) ou, como diz o poema “O carnaval das meninas” (p. 51, dedicado a Alexei Bueno): “Não mais que lembranças do que hoje é a folia”.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

LINGUAGEM VIVA

Comunicamos que a Caixa Postal 10.036 - São Paulo - SP - 03014-970 foi cancelada. As correspondências deverão ser enviadas para Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbususedbookshop.com.br

Ricardo Filho e o impulso da escrita

Angelo Mendes Corrêa

Ricardo Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 1954, mas aos quatro anos mudou-se com a família para São Paulo, de onde nunca mais saiu. Filho do escritor Ricardo Ramos e neto de Graciliano Ramos, desde menino viveu intensamente o universo dos livros.

Ao seu livro de estréia, *Computador sentimental* (1992), seguiram-se *Sonho entre amigos* (1995), *O pequenino grão de areia* (1998), *A nave de Noé* (2000), *Sobre o telhado das árvores* (2008) e *Vovô é um cometa* (2008). Sua obra completa encontra-se no site de Graciliano Ramos: <http://www.graciliano.com.br/iframe/bibliogricardofilho.html>

A seguir, a entrevista do escritor cujas obras destinadas ao público jovem têm merecido sucessivas edições e consagração definitiva por parte da crítica especializada.

1. Que autores e livros mais o marcaram desde a infância?

Comecei, é claro, com Monteiro Lobato. *Reinações de Narizinho* foi o primeiro livro que li. O contato com o grande escritor durou boa parte de minha infância. Não faziam com ele as injustiças que fazem hoje. Acusações construídas a partir de páginas tiradas do contexto da época, bastante diferente do mundo em que vivemos agora. A minha formação foi bem ampla. A coleção do *Tarzan*, de Edgar Rice Burroughs, chegou numa caixa, parecia um brinquedo. Muito divertido aquele homem meio macaco. Júlio Verne me fez olhar para o futuro, o contato inicial com um prenúncio de ficção científica. *Cuore*, de Edmondo de Amicis, foi o primeiro livro que me fez chorar, um choque, noção, ainda que intuitiva, de que tinha na minha frente um texto importante. E muitos outros autores: Mark Twain; Jack London; Viriato Corrêa; Daniel Defoe; Francisco Marins e Alexandre Dumas. O romance *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson, foi uma de minhas paixões. Uma autora pouco conhecida no Brasil: Laura Ingalls Wilder. Aos poucos, sem que

percebesse, fui migrando para obras adultas. Apareceram livros que mostravam o nosso idioma muito bem tratado, escritores nacionais do melhor gabarito: Machado de Assis, José de Alencar, José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queirós, Mário e Oswald de Andrade. Um dia, fiquei sabendo que existia *Ernest Hemingway: O Velho e o Mar*; *Adeus às Armas*; *Por Quem os Sinos Dobram*; *Ilhas na Corrente* e *Paris é Uma Festa*. Tinha começado o ciclo americano. Conheci então Scott Fitzgerald e William Faulkner. E vieram os russos como Turguenev e Dostoiévski. Guerra e Paz, de Tolstói, é até hoje um livro importante para mim. Mais tarde, os ingleses como Dickens, Jane Austen, Conan Dyle e Virginia Woolf. Ler os franceses para mim foi delicioso. *Os Thibault* de Roger Martin du Gard foi um excelente início, completado anos depois por Zola, Flaubert, Balzac, Stendhal e Proust. E passei por todos os gêneros. Difícil escolher o livro preferido. Talvez *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann.

2. Em que sentido o fato de ser filho de Ricardo Ramos e neto de Graciliano Ramos foi importante para que se tornasse escritor? Houve algum estímulo familiar?

Sim, até certo ponto. Mas nada que esteja agarrado aos meus genes, não acredito assim tanto na força da genética. Creio que viver em uma casa rodeado por livros, ouvir conversas a respeito deles, presenciar meu pai escrevendo e lendo depois, em voz alta, o que havia produzido, conviver com os escritores amigos dele, tudo isto preparou bem o terreno. Naturalmente, sem que houvesse um plano para fazer de mim mais um escritor na família, até porque seria falta de imaginação, acabei vencido pela vontade de escrever também. Um dia, sem que percebesse, depois de muito resistir ao impulso, estava escrevendo minhas próprias histórias. No começo tinha medo das comparações, achava que seria massacrado. Depois, com a idade e o amadurecimento, consegui cuidar da minha própria vida.

3. Embora tenha nascido no ano

seguinte ao da morte de Graciliano Ramos, como foi tomar conhecimento de que era neto de um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos? Com que idade teve contato com as obras de seu avô e de seu pai?

Difícil lembrar. A gente é apresentado aos membros da família sem sentir. O avô que conheci, pelos relatos familiares, era de carne e osso. Tinha características de pai, quando o meu falava nele, de sogro quando as referências eram feitas por minha mãe, de marido aos olhos de minha avó. Os outros é que viam o mito. No final ficou um pouco de tudo. Hoje convivo com os dois, ele é para mim o avô e o escritor famoso. É claro que sempre aparece certo orgulho, até por eu concordar que raros conseguiram uma obra como a dele. Só fui, porém, conhecer seu trabalho depois de adulto. Meu pai quis que o lêssemos quando estivéssemos prontos. Entenda-se isso por ter adquirido o hábito da leitura, ser capaz de entender, gostar e poder identificar a qualidade do texto. Ele achava, com razão, que o velho Graça não era um autor para crianças, nem fácil o suficiente para despertar o interesse de não iniciados.

4. Quando se convenceu de que desejava ser escritor, apesar de ter ido para o universo das ciências exatas e sempre trabalhado em corporações financeiras?

Só depois de sessões de terapia. O mundo técnico é muito frio, nele pouco se lê. Não espere conversar com os profissionais de informática sobre literatura. Eu sentia falta do ambiente onde fui criado, apesar de ter fugido para uma realidade diferente, apartada do universo das letras. Um dia escrevi um texto e deixei na gaveta. Um livrinho juvenil, fragmentos de minha adolescência. Curiosamente comecei escrevendo memórias. Felizmente criei coragem para mostrar ao meu pai. Ele leu e gostou, mas se achou incapaz de julgar. Pediu ajuda a uma escritora amiga, a Vivina de Assis Viana, autora de excelentes livros infantis e juvenis. Ela deu o aval, foi minha madrinha literária. Publiquei então, em 1992, o "Computador senti-

mental". O velho não chegou a ver o livro publicado. Morreu um pouco antes. Foi a única obra minha que leu. De certa forma, o nome do livro era uma brincadeira com a minha situação, já que nada em suas páginas remetia à realidade dos computadores. O título, muito devido à saudade com que as lembranças foram registradas, era para ser lido assim: "Com puta dor sentimental". De lá para cá, tenho conseguido publicar cada vez mais. Não sei se cheguei a me convencer que queria ser escritor.

5. Por que a dedicação exclusiva à literatura infanto-juvenil? Algum projeto voltado para a chamada literatura adulta?

Mais uma vez não houve um plano. Nunca imaginei que escreveria para jovens e crianças. Naturalmente penso as histórias para eles, é assim que as elaboro. Talvez, porque no fundo escrevemos para nós mesmos. As marcas deixadas pela literatura infanto-juvenil em minha formação foram muito fortes. O leitor que há em mim é muito influenciado pelo prazer que senti com as leituras que fazia quando criança e jovem. Embora tenha sempre gostado de ler, jamais recuperei a paixão e a sofreguidão que tinha no passado. É para o menino que ainda há em mim que escrevo. Embora já tenha escrito para adultos, não o faço com a mesma facilidade e prazer. Meus projetos são todos, e são muitos, na área em que venho atuando.

6. O que entende como um bom texto, seja para o jovem leitor, seja para o leitor maduro?

Primeiro o autor tem de tratar bem o idioma, o texto deve ser bem escrito. Uma das coisas que aprendi convivendo com escritores bons, é que a palavra deve ser obsessivamente trabalhada. Nada adiantará, porém, se não tivermos uma boa história.

7. De onde sai a matéria-prima de seus livros? Considera-se um bom observador do cotidiano?

Principalmente da observação do cotidiano, a sua pergunta praticamente responde a questão. As histórias estão por aí, é necessário observá-las,

Débora Novaes de Castro

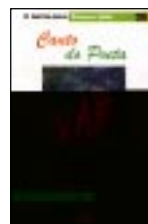


Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Poemas: II Antologia-2008
CANTO DO POETA - novo
Trovas: II Antologia-2008
ESPIRAL DE TROVAS - novo
Haicais: II Antologia-2008
HAICAIS AO SOL - novo

Opções de compra: Loja virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br
Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040 .



DIGO TUDO NO MEU SILÊNCIO - Cont.



Ricardo Ramos Filho

senti-las e escrevê-las. Eu sou meio escoteiro, estou sempre alerta.

8. Acha acertado afirmar que vivemos hoje uma crise de falta de leitores no país?

De fato somos um país que lê pouco, mas o fenômeno não é de hoje, a crise sempre existiu. O nosso problema maior, sem dúvida, é termos uma educação deficiente em todos os níveis. A consequência é evidente, quase não se lê por aqui, e os poucos que se arriscam a encarar um livro, acabam escolhendo mal, muito por deficiência de orientação adequada. Só poderemos pular para um patamar diferente, investindo em escolas e em professores.

9. Acredita que o público jovem dê retorno mais imediato ao escritor?

Acredito que as editoras trabalhem mais este público, até por ser mais fácil de ser atingido. Através do contato com as escolas e professores, conseguem desenvolver um plano de vendas. É comum os autores fazerem parte da estratégia. Às vezes, dentro do pacote de convencimento, está a oferta de uma visitinha do escritor à instituição de ensino para conversar com os alunos.

10. Escreve sempre pensando no que o leitor vai achar de seus enredos ou deixa a escrita fluir, sem maiores interferências ou preocupações com os rumos da narrativa?

Os meus critérios não são muito fixos, depende da história. Já escrevi sem pensar muito nos leitores, em outros momentos fiquei mais preso. De maneira geral, todavia, existe sempre alguma preocupação. Embora basicamente a gente escreva por uma necessidade interior, não dá para perder a perspectiva de que aquilo um dia irá ser lido.

11. Do conjunto de sua obra até hoje publicada, o que destacaria como mais relevante?

Acho que não dá para responder sem cair no chavão. Livros são como

filhos, neles nós estamos. Sentimentos, momentos de vida, alegrias e tristezas, dificuldades, tudo ali nos representa, em diversos períodos da vida. Como escolher a melhor parte da gente? Para mim, pelo menos, é muito difícil. Tenho uma leve noção de que meu texto infantil foi melhor que o juvenil. Comecei escrevendo juvenis e depois fui reduzindo a idade do público alvo. Não sei se minha literatura infantil é melhor que a juvenil, mas hoje em dia fico mais à vontade escrevendo infantis.

12. Que novos projetos estão em pauta para o futuro?

Eu trabalho muito. Quando escrevo um livro já tenho dois ou três amadurecendo, engatilhados. Até o final deste ano deverei publicar, pela Ed. Globo, mais um infantil: *O gato que cantava de galo*. Já acertei, com a mesma editora, um juvenil para o ano que vem: *O livro dentro da concha*. Há outro juvenil, *João Bolão*, sendo produzido pela Ed. Elevalivros. Participo de um projeto de coleção, junto com outros escritores, em que faremos livros infantis sobre times de futebol. Só que é uma coisa meio diferente, bem infantil, em que o tema futebol entra apenas como coadjuvante. A minha história já está escrita, chama-se "O peixinho campeão". É uma homenagem ao meu time, o Santos. Gosto de escrever histórias baseadas em músicas. Acabo de concluir: *Feiticeira como a rosa*, uma história infantil inspirada numa canção cantada pela Bethânia em seu primeiro disco. O escritor Jorge Amado declarou certa vez, que para se conseguir viver de literatura no Brasil é necessário publicar-se mais de trinta livros. Estou atrás desta marca, até porque gostaria muito de conseguir viver apenas do que escrevo.

Angelo Mendes Correa é professor universitário e mestre em Literatura Brasileira pela USP (Universidade de São Paulo).

Poder e Magia

Rosani Abou Adal

As palavras proibidas
presas na garganta
A menina com medo
do lobo mau que come criancinhas
A cabeça dos companheiros a prêmio
As palavras em silêncio
O sonho dos direitos iguais
entre as cordas
do presidente suicida
A tortura subterrânea
dos porões canibais
As palavras mudas dormentes
Os sonhos da menina
que não sabe o que é AI5
mas quer ser
gente quando crescer
As palavras em pausa
O lobo mau de olhos esbugalhados
Chapeuzinho Vermelho
clama pela liberdade da vovozinha
A menina com medo do lobo mau
grita para acordar as palavras
As histórias da infância
presas na caixa de saída
libertam-se e alcançam vôo
Os torpedos de tortura
calaram-se no tempo
Torpedos de lembranças libertam
as palavras presas na garganta
Os companheiros agora podem cantar
sem medo do lobo mau
A palavra é poder e magia

(In *Ave, Palavra!*) - Rosani Abou Adal é escritora e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

Assinale a alternativa correta:
a) Eles estão quite com os impostos.
b) Ela está quites com os impostos.
c) Ela está meia aborrecida.
d) Ela está meio aborrecida.
e) É proibido a entrada de alunos.

R: d
A palavra quite concorda com o sujeito da oração, portanto Eles estão quites. Ela está quite.
A palavra meio como advérbio é invariável e, neste caso, significa mais ou menos. Quando significar

metade concordará com o nome a que se refere.

Ex: Quero meia maça.

É proibido – Se vier seguido do artigo a –, concordará com ele portanto o correto seria: É proibida a entrada.

Em qual alternativa a palavra deve ser escrita com Z?

a- Atrá....
b- Pu....eram
c- sutile....a
d- despe....a
e- Barone....a
f- Qui....eram.
R: c



Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Um Marido em apuros

Edson Freire

A esposa, à passeio, levou a empregada.

Na véspera da partida, preocupação em deixar, ainda que por pouco tempo, o marido. Mas, ele, docilmente, colaborou: “querida, fique tranqüila, aproveite o passeio”. E, mais, com intencionada boa vontade: “divirtam-se, que eu me viro.

Pensou no ficar sozinho. Estaria à vontade pra cuidar da casa e achou que teria alguma habilidade dentro da cozinha: “vou fazer e variar a comidinha, além de coisinhas mais..”

Não queria comer fora, seria uma experiência inédita. Com a dupla ausência das mulheres na casa, seria agradável a tarefa, com ninguém interferindo ou cobrando.

No começo, ficou feliz ao se apossar da cozinha.

Nada como ficar à vontade naquilo que bem entendesse fazer, a seu gosto.

Todavia, a seqüência dos dias começou incomodá-lo. Objeto do mal: uma bacia retangular, debaixo de torneiras, chamada pia. No ato da lavação procurava evitar o acúmulo de pratos, talheres, copos, panelas. Mas, a pia, continuamente cheia, - aos seus olhos e disposição pareceu-lhe ter recolhimento espontâneo, pois sempre havia coisa pra

lavar. Se ele estava só, por que tanto resto, tanta gordura, tanto cheiro, numa remoção ou limpeza? Onde o detergente, o sabão, a espuma, o “bombril”? E panos limpos, não úmidos?

Como abrir, pouco ou muito, aquelas torneiras com tanta pressão, sem o devido controle para ele que não tinha prática? Nervoso, muitas vezes abria demais e o jato de água atingia-lhe a roupa, seguido de um palavrão.

A cozinha, antes receptiva ou frutiva, agora, um local desagradável. Ele estava envolvido numa intensa mão de obra, ou melhor, houvesse mãos para um obreiro despreparado, (agora ele admitia..), cujo maior trabalho, além do fazimento e variação na comida, era o indesejado enfrentamento com a pia.

Foi tomando aversão por aquela rotineira prática de lavar, lavar, lavar...

Naquele dia, a chata, a implacável pia chegou ao insuportável.

Desesperado, o solitário ligou para a esposa: “Alô, alô..você pode ficar por aí, mas me devolva, urgentemente, a empregada”!

Edson Freire é escritor, poeta e autor de *No meu caminho achando versos.*

MISSIONÁRIA

Eunice Arruda

Ela chegou na cidade pequena. Roupas simples. Sapato sem salto, meias de algodão até o joelho. Era missionária. Deveria ir de casa em casa. Visitar famílias. Era a sua missão. Missionária. Mas, não podia entrar sozinha. Se expor. Precisava de companhia.

Naquela época, eu estudava pela manhã. Ficava em casa à tarde, olhando os vasos de avenca. Foi quando alguém me indicou para acompanhar a missionária. Como eu não havia sido consultada, nem havia como recusar. Teve início então a nossa trajetória. Dia após dia, visitando as casas. Batida de palmas no portão. As mulheres apreciavam. Inicialmente abriam apenas uma fresta da porta. Ao identificarem a missionária, alisavam as roupas e,

humildemente, nos colocava na sala, pedindo: “não reparem, é casa de pobre.” Serviam café, às vezes, com um pedaço de bolo. Agradeciam a visita. Não era sempre que recebiam a visita de uma pessoa tão importante, diziam. E assim prosseguimos, dia após dia, com sol ou chuva, batendo palmas.

Mas, chegou a hora em que a missionária precisou partir. Para outra cidade. Fazia parte de sua missão. Espalhar suas palavras para pessoas distantes. Eu precisava compreender. Agradeceu minha companhia com palavras simples. Foi breve na despedida. Eu, trêmula, já pressentindo a aproximação da orfandade, apenas disse:

- Eu quero ser. Missionária.

Eunice Arruda é escritora, poeta e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

BRASÍLIA NASCEU NO MAR

Emanuel Medeiros Vieira

Para Clarice e Lucas, que nasceram neste cerrado, com muito sol

Para Célia, baiana, que soube amá-la desde o início)

E em homenagem aos 50 anos da capital, que serão comemorados em 21 de abril de 2010).

Documentos revelam que Brasília nasceu no mar.

No final de 1956, Lúcio Costa (1901-1998) viajara para Nova Iorque para participar de um evento. Foi na volta, a bordo do navio argentino Rio Jachal, que Lúcio fez o que é considerado o primeiro esboço do Plano Piloto. Sim, pensou a cidade no mar.

No dia 11 de março de 2007 fez 50 anos que o urbanista e arquiteto entregou o trabalho à comissão julgadora, que avaliaria os projetos apresentados. Ele venceu o concurso do plano urbano de Brasília, “com um trabalho de feição amadora, sem um único cálculo.”

Em Brasília, Lúcio acabou com duas das tradições mais caras das cidades brasileiras: a rua como espaço de convívio (a socialização em Brasília ocorre nas superquadras) e as esquinas (que “existem” nas entradas de conjuntos de quadras, e nas quadras comerciais onde estão os bares e restaurantes). Em verdade quem vive na Brasília “real” sabe que o convívio existe na entrada de cada quadra, nas bancas, e também em botecos das superquadras, nos pilotis dos blocos. Falo do Plano Piloto. Para os que não vivem aqui, no “inconsciente coletivo”, e trabalhado na TV e nos jornais, a cidade é só o lugar dos

podres poderes, que vampiriza o resto do Brasil.

Mas a cidade real é outra, das flores retorcidas e belas do cerrado.

Mesmo que a gente diga que a maioria dos velhacos, patifes e corruptos veio de fora, não adianta. Eu sei, aqui também tem. É a cidade real que eu amo. Por tais razões, optei por viver nesta cidade de linhas retas (ótima para se caminhar e andar de bicicleta).

Que tem um pôr-do-sol dos mais belos que conheço. De tantos pássaros. De tantos verdes. .

Falem com as pessoas nascidas aqui. A mídia só entrevista os representantes da cidade oficial, que só conhecem o aeroporto, Congresso, os ministérios, os tribunais superiores, e os restaurantes de luxo. Não conhecem uma padaria, um chaveiro, um vendedor de frutas. Nunca viram o sol se pondo no Lago Paranoá.

Só escrevo o que sinto. Para fazer que alguém creia em mim, é preciso que eu creia primeiro.

Para escrever, não há cidade melhor.

Brasília: amo os teus verdes, teus espaços, a luz que emana de ti, os candangos e os fundadores da utopia.

Com Brecht, peço que os que vierem depois nos olhem com simpatia...

Dando os trâmites por findos, lembro de Mário Quintana: “Cidade de meu andar/ (Deste já tão longo andar!/ e talvez do meu repouso...”

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta e crítico literário.

www.linguagemviva.com.br



20 anos divulgando a Literatura Brasileira.

Visite as Edições on line

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

(11) 2693-0392 - 7358-6255

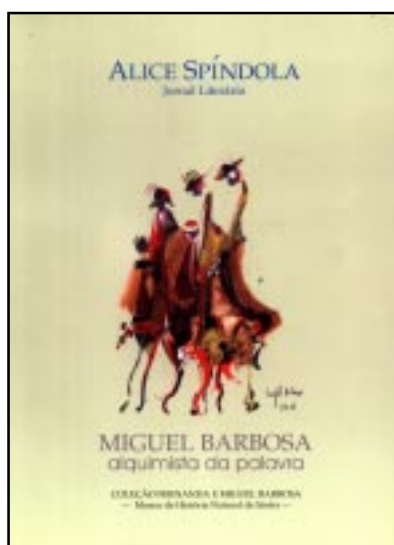
Lançamentos & Livros

O Sermão do Viaduto de Álvaro Alves de Faria, de Aline Bernar, Escrituras Editora, São Paulo, 80 páginas, R\$ 23,00. A obra é um estudo que foi tema do doutoramento da autora, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – (UERJ), junto à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, sob orientação da professora doutora Graça Capinha. Aline mostra o ato poético desempenhado por Álvaro como um ato público e político, voltado para questões político-sociais, visto como um ato contestador, desde o cenário escolhido até o público, o povo oprimido e desprivilegiado, incluindo as prostitutas, os desempregados, os vendedores ambulantes e os desabrigados.

Escrituras Editora: Telefax: (11) 5904-4499 - www.escrituras.com.br



Jornal Literário: Miguel Barbosa: Alquimista da Palavra, de Alice Spindola, Editora Kelps, Goiânia, GO, 228 páginas. O Jornal literário estreia focalizando a vida do paleontólogo e notável expoente das Artes e das Letras Miguel Barbosa e presta homenagem a Ascendino Leite. O volume abriga poemas de Alice Spindola, Miguel Barbosa e Jean Paul Mestas, textos de Henri Bernier, Elza Rodrigues dos Santos e um caderno sobre a Paleontologia, com destaque ao Museu de História Natural de Sintra, que foi idealizado por Miguel Barbosa. **Alice Spindola:** alice.spindola@hotmail.com - **Editora Kelps:** Telefax: (62) 3093-2191 - www.kelps.com.br



Fortuna Crítica de Francisco Miguel de Moura, apresentação de José Maria de A. Ramos, Editora Cirandinha, Teresina, PI, 306 páginas. A obra reúne comentários e artigos de críticos consagrados como Assis Brasil, José Afrânio Moreira Duarte, Dalila Teles Veras, Emiliano Carvalho, Paulo Nunes, Herculano Moraes, Fernando Py, Jean Paul Mestas, entre outros. Também abriga um depoimento do autor e um álbum de família. A obra é organizada por Francisco Miguel de Moura, a caricatura da capa é de Paulo Guy sobre um Tangram (chinês) e a criação e montagem é de Franklin Moura e Mécia Moura. **Francisco Miguel de Moura:** franciscomigueldemoura@superig.com.br



Academia Paulistana de História & Prêmio Clio

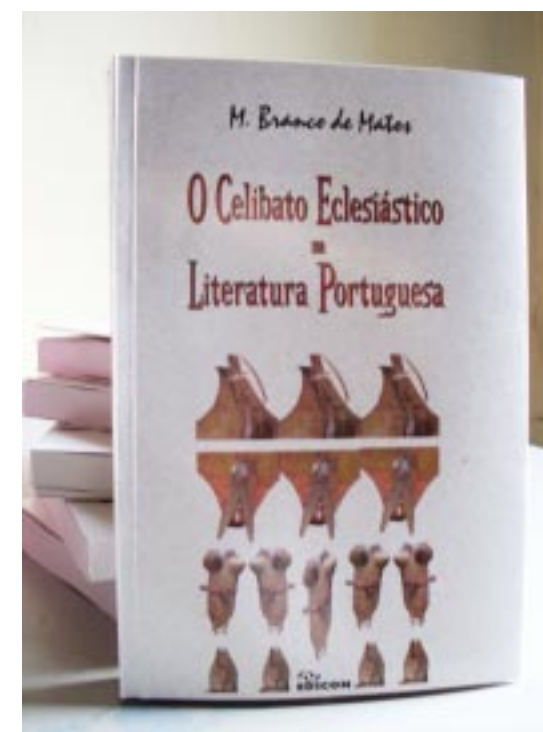
João Barcellos

Uma das instituições que melhor soube reconhecer o mérito sociocultural do/a Escritor[a] foi e é a Academia Paulistana de História que, através do seu *Prêmio Clio*, aplaude e incentiva a mulher e o homem que ousam publicar idéias próprias, pesquisas historiográficas, romances históricos, entre outros segmentos da Literatura.

A Academia Paulistana de História foi fundada em 1978 e adotou como símbolo a musa grega da História, Clio, cujo nome significa celebrar, glorificar. A musa é representada com uma coroa de louros tendo na mão direita um clarim com o qual anunciava os eventos importantes e, na esquerda, um rolo de papiro/bíblia semi-aberto para demonstrar que ali os registrava para as novas gerações. E, com tal símbolo da antiguidade clássica ocidental, a Academia da efervescente Sampa construiu o *Prêmio Clio de História*.

Presidida pelo incansável Juvenal Fernandes, a Academia continua a premiar obras de interesse regional e nacional, e o faz até em relação a trabalhos não publicados... Notável ousadia de demonstrar que algo está errado no mundo editorial do Livro.

Espera-se que a Secretaria Municipal de Cultura da Capital e a



do Estado paulista se lembrem, um dia, que a Academia Paulistana de História existe, e que é uma instituição a ser acarinhada no suporte logístico das suas ações lítero-históricas e sociais, particularmente no evento que leva o nome de *Prêmio Clio de História*.

Seria bom, também, que o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo [IHGSP], assim como a União Brasileira de Escritores [UBE], pudessem abraçar a Academia, porque é preciso 'sangue novo' para dar continuidade ao trabalho iniciado em 1978.

BARCELLOS, João –
Escritor, historiador.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Profa. Sonia Adal da Costa

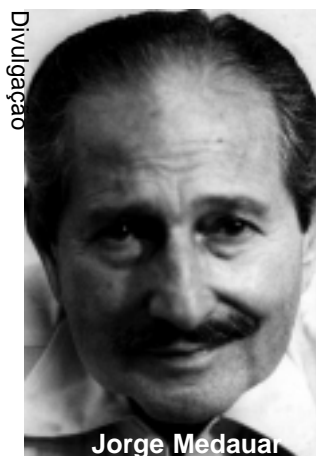
Digitação

Revisão

Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Notícias



Jorge Medauar

Jorge Medauar em Prosa e Verso, livro que reúne fotos, cartas, bilhetes, poemas, contos e emocionados depoimentos de amigos como Jorge Amado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Antonio Olinto, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, será lançado pela Editora UESC, em abril, no Esporte Clube Sírio, Avenida Indianópolis, 1192, em São Paulo. O evento contará com o apoio do jornal Linguagem Viva, União Brasileira de Escritores, Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, Esporte Clube Sírio e do Portal Cornocópios. Jorge Medauar, poeta, escritor, jornalista, publicitário, membro da Academia de Letras de Ilhéus e diretor do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo, nasceu em Uruçuca, que antigamente chamava-se Água Preta, em Ilhéus, Bahia, em 15 de abril de 1918, e faleceu em 3 de junho de 2003, em São Paulo.

O Prêmio São Paulo de Literatura 2010, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo e Secretaria de Estado da Cultura, está com inscrições abertas até o dia 25 de março. Destinado a romances editados em 2009, o prêmio será no valor de R\$ 200 mil para o Melhor Livro do Ano e, R\$ 200 mil, para o Melhor Livro do Ano - Autor Estreante. O regulamento está disponível no portal www.cultura.sp.gov.br. A entrega dos documentos deverá ser efetuada pelo correio ou no núcleo de protocolo e expedição da Secretaria de Estado da Cultura, Rua Mauá, 51 - São Paulo - SP - 01028-900.

A Alpharrabio Livraria e Editora, dirigida por Dalila Teles Veras, será homenageada em sessão solene no dia 3 de março, às 10:30 horas, na Câmara Municipal de Santo André, em comemoração aos 18 anos da Livraria.

O Catálogo do Prêmio VivaLeitura 2009 com todas as ações finalistas poderá ser baixado no site www.premiovivaleitura.org.br

Poesia ao Vento, encontro promovido pelo Grupo Oficina Literária de Piracicaba e Centro Literário de Piracicaba, que tem como mestre de cerimônia o poeta Irineu Volpato, aconteceu no dia 19 de fevereiro no SESC Piracicaba. O evento teve como teve o poeta romântico Casimiro de Abreu e sua obra lírica reunida no livro *As primaveras*.

Eunice Arruda participou com o poema *Ocaso* no programa *Provocações*, da TV Cultura, em fevereiro.

PADRE CÍCERO – PODER, FÉ E GUERRA NO SERTÃO, biografia de Cícero Romão Batista, o Padim Ciço, livro de Lira Neto, será lançado no dia 24 de fevereiro, quarta-feira, às 20 horas, no Teatro do SESC, em Piracicaba.

Paulo Markun, presidente da Fundação Padre Anchieta, lançou a biografia de *Cabeza de Vaca* no Sesc Piracicaba, em janeiro.

A 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo acontecerá de 12 a 22 de agosto no Pavilhão de Exposições Anhembí, em São Paulo.

O Prêmio Portugal Telecom de Literatura, destinado a livros editados no Brasil no ano passado e escritos em língua portuguesa, está com inscrições abertas até o dia 7 de março. Escritores e editores poderão inscrever romances, autobiografias, livros de conto, poesia, crônica ou dramaturgia. Informações, formulários e inscrições através do site www.premiportugaltelecom.com.br. O prêmio será no valor de R\$ 100 mil para o 1º colocado, R\$ 35 mil (2º) e R\$ 15 mil (3º).

A Petrobrás divulgou o resultado das seleções públicas do Programa Petrobrás Cultural - edição 2008/2009. Os 131 projetos nas áreas de Música, Audiovisual, Artes Cênicas, Literatura e Cultura Digital serão contemplados com uma verba no valor de R\$ 42 milhões. 17 projetos de ficção e poesia foram selecionados.

A Editora Senac São Paulo teve cinco obras agraciadas com o Prêmio Gourmand World Cookbook Awards, que é destinado à literatura gastronômica mundial.

O Festival Literário de Pirenópolis, que acontecerá de 11 a 13 de março, em Goiás, terá o Cinema e Brasília como tema. Informações pelo telefone: (61) 3244-0940 ou pelo e-mail: flipiri@gmail.com.

Nélida Piñon foi laureada com o *Prêmio Casa de las Americas 2010*, na categoria Literatura Brasileira, com a obra *O aprendiz de Homero*. Bruno Di Benedetto foi agraciado na categoria poesia; Jorgelina Cerritos, teatro; e Jennifer Rahim, literatura caribenha em inglês ou creóle.

O Sarau das Marchinhas, promovido por Ana Marly Jacobino, que aconteceu no dia 9 de fevereiro em Piracicaba, homenageou o compositor Lamartine Babo e a escritora piracicabana Esther Vacchi Passos.

O Primeiro Congresso Internacional do Livro Digital, promovido pela Câmara Brasileira do Livro e Frankfurter Buchmesse, em co-realização com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, acontecerá de 29 a 31 de março, no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. Informações pelo telefone: (11) 3069-1300.

A Biblioteca de São Paulo, a mais moderna e inclusiva do País, localizada no Parque da Juventude, na Zona Norte, em São Paulo, dispõe de um acervo 30 mil livros, 4 mil CDs e DVDs, 7 Kindles, 1000 audiolivros, revistas e jornais e títulos em braile. A biblioteca, recém-inaugurada pela Secretaria de Estado da Cultura, custou R\$ 12 milhões e o governo do Estado investirá R\$ 5 milhões ao ano para a sua manutenção. O software de gestão do seu acervo foi patrocinado pelo Instituto Pró-Livro.

Lino Vitti, escritor, poeta, contista, cronista e jornalista, ganhou um blog de presente em homenagem aos seus 90 anos. A Academia Piracicabana de Letras outorgou o título honorífico de *Príncipe dos Poetas de Piracicaba* e a Prefeitura do Município de Piracicaba, através de sua Secretaria da Ação Cultural, concedeu a *Medalha de Mérito Cultural Professor*

Olênio De Arruda Veiga. <http://poeta-linovitti.blogspot.com>

O Orçamento do Ministério da Cultura para o ano de 2010, o dobro do aprovado ano passado, no valor de R\$ 2,2 bilhões, foi aprovado pelo Congresso Nacional. O aumento da verba ficará de acordo com o estipulado pela ONU, ou seja, no mínimo, 1% do orçamento do país à cultura.



Vera Stefanov

Vera Stefanov, presidente do Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo, concedeu para Galeno Amorim a entrevista *Biblioteca tem que ter bibliotecário* para o *Brasil que Lê*, revista do *Observatório do Livro e Leitura*, edição nº 135, de 12 a 18 de fevereiro de 2010. Site: www.observatoriodolivro.org.br

O Programa de Apoio à Tradução de Autores Brasileiros 2010, promovido pela Fundação Biblioteca Nacional e o Ministério da Cultura, está com inscrições abertas até o dia 31 de março. O programa oferecerá bolsas de tradução com valores entre US\$1.000 e US\$4.000 para editoras estrangeiras que desejam traduzir e publicar obras, previamente editadas no Brasil, em português. Informações pelo telefone: (21) 2220-2057 ou pelo e-mail: cgll@bn.br.

O Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, abrirá inscrições no dia 1 de março. Informações e inscrições através do site www.cbl.org.br ou pelo telefone (11) 3069-1300.

A 13ª Feira do Estudante - Expo CIEE acontecerá nos dias 14, 15 e 16 de maio, das 10 às 20 horas, no Pavilhão da Bienal do Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

O Serviço Social do Comércio de Piracicaba tem como novo gerente, desde o início deste ano, José Roberto Ramos. Sebastião Eduardo Costa Martins, que gerenciou por sete anos o SESC Piracicaba, foi transferido para São José do Rio Preto.

A RG Editores está organizando a *Antologia de Poesias* e os interessados em participar deverão entrar em contato através do telefone (11) 3105-1743 ou pelo e-mail rgeditores@yahoo.com.br. RG Editores: Rua Santo Antonio, 555 - 1º andar - conj. 11 - São Paulo - SP - 01314-000.

Oficina de Texto II, curso ministrado por Ricardo Ramos Filho, acontecerá no dia 13 de março, sábado, das 9 às 16 horas, na Escola do Escritor, Rua Mourato Coelho, 393 - conjunto 1, em São Paulo. Informações: www.escoladoescritor.com.br



Lino Vitti